

Sexualidade e Educação: modos de viver, modos de aprender.

Gelma Nunes do Santos

Graduanda do curso de Licenciatura

Plena em História – UEPB

gelma-nunes@hotmail.com

Eva Wilma da S. Leôncio

Graduanda do curso de Licenciatura

Plena em História – UEPB

Wilma.eva@hotmail.com

Andreza Oliveira Andrade – Orientadora

andrezaclio@hotmail.com

Mestre em história pela UFPB/ Professora do

Dep. de Geo-História da UEPB

A Sexualidade é perpassada por mecanismos culturais que estão presentes no espaço escolar e atualmente ganhou novas representações para além do espaço (Homem e Mulher) possuindo caracteres mais relacionados às múltiplas identidades sociais que permeiam o indivíduo. As novas tecnologias reprodutivas e as inúmeras possibilidades de se transgredir categorias e fronteiras proporcionam ao indivíduo a oportunidade de conhecer outros aspectos que se relacionam com a sexualidade. Desenvolvendo fantasias, desejos, que variam de acordo com a cultura de cada indivíduo, onde a sociedade e seu regime impõem ao sujeito uma definição de padrão a ser seguido, que no caso seria o Heterossexual como definição de Gênero (Masculino e Feminino) e suas formas de expressar prazeres ligados ao corpo.

De acordo com Guacira Lopes Louro, o corpo possui uma relação direta com o ser humano sendo construído pela linguagem, ou seja, podendo classificá-lo e defini-lo de acordo com as normalidades e anormalidades.

Saberes que possibilitam, permitem e criam esse olhar sobre o corpo, afirmando como um constructo histórico e cultural que, longe de ser inquestionável, é um território de onde e para onde emergem sempre outras e novas dúvidas, questionamentos, incertezas, inquietações. ¹

As relativas diferenças entre os gêneros e sua respectiva sexualidade mostram suas atribuições aos diversos tipos de sujeitos, (homens, mulheres e homossexuais) onde o corpo projeta para a sociedade a forma como o indivíduo se coloca diante dela. Neste mesmo contexto vale salientar que as diferenças marcam de várias formas a vida do sujeito, que deve estar preparado para assumir respectivas responsabilidades. Como os homossexuais que lutam por

diversos tipos de diretos, um deles só para servir como exemplo seria a luta para se conseguir adotar uma criança e o direito a herança que estes reivindicam, estes são discursos a serem analisados pela justiça.

Para a realização de tal análise será necessário refletir sobre as relações que constituem os sujeitos e as relações de poder a que são atribuídos, verificando em várias instâncias para fora do ambiente escolar como a mídia, o cinema, as artes entre outros fatores que podem ter influência significativa. Estes sujeitos buscam romper com a sociedade e na maioria dos casos não querem ser integrados a ela, simplesmente desejam quebrar as barreiras que os rotulam e procuram sempre direcioná-los para uma identidade central aceita pela sociedade.

Para as instituições escolares essas concepções na realidade acarretam em uma série de conflitos e aceitações, onde a escola não pode simplesmente encaminhá-los para órgãos responsáveis como a psicologia por exemplo. Guacira Lopes Louro (1999:80-81) *Seus modos ousados, o deslocamento e a posição fronteira que parecem experimentar talvez lhes permita perceber a arbitrariedade de nossos arranjos sociais de formas inéditas, de formas como nós nunca os pensamos*. Esta frase retirada da obra de Guacira demonstra a visão da autora quando aborda o texto enfatizando que eles estão presentes na sociedade, na escola, no cinema enfim eles são parte integrante da sociedade quer que ela aceite ou não, eles estão ao nosso redor com seus jeitos, atitudes e visões diferentes sobre a mesma realidade. Nós cidadãos não podemos simplesmente negar e virar as costas, esta é uma realidade que agora esta cada vez mais presente em nosso cotidiano e por este motivo a escola tem um papel fundamental na construção de saberes e dados comportamentais das nossas crianças que no futuro serão a próxima geração que poderão aceitar ou não as diferenças sociais existentes entre indivíduos de determinada cultura ou ate mesmo de outra religião.

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. ²

Com base no texto, existe um questionamento sobre identidades relacionadas diretamente a um indivíduo quando toma uma posição e se assume como sendo gay ou lésbica isto nos remete a impressão de que tenha algo errado, ou seja, ocorre uma alteração essencial de forma a atingir a “essência” do sujeito. Abordando o tema em uma visão mais ampla, temos a idéia de que esse procedimento ocorre em detrimento de uma sociedade reguladora e tradicionalista moldada ainda nos padrões europeus e que ainda não esta preparada para receber o novo, e estes procedimentos moldam o sujeito, pois criam fronteiras e representam as normas a serem cumpridas.

Os educadores devem pensar nesta diferença como marca de nossa época, percebemos que ela cada vez mais vem se multiplicando e ganhando novos adeptos e que esta verdade estar sendo construída a partir do seu local de origem, local este repleto de significados para uma classe que ao longo dos tempos lutou para conseguir espaço perante a sociedade.

A educação sexual esta ligada ao nível escolar e é de responsabilidade da coordenação e dos professores a trabalharem este tema em sala de aula com seus alunos, mostrando aspectos relevantes para a construção de uma identidade sexual livre de olhares preconceituosos, que normalmente são colocados de forma rápida e condenativa pela mídia que utiliza esses recursos como instrumento formador de opinião. A abordagem da autora sobre esse tema mostra como educadores transmitem e trabalham com a sexualidade em sala de aula, veja:

Muitos pensam que (...) se deixarem de tratar desses 'problemas' a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que *a escola não apenas* reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que *ela própria as produz*”³

Uma das principais responsabilidades da educação sexual seria de mostrar para seus alunos as diferentes formas de visão que se consegue obter hoje acerca da sexualidade, colocando questões para os alunos e não evitando falar sobre esse assunto o que causará mais curiosidade nos alunos a respeito do tema. Outro aspecto seria a formação de frases pelos educadores (as) que se referem ao gênero masculino como cita a autora *“o homem é o principal responsável pela destruição do meio ambiente” isto demonstra como estamos preso a vocabulários que nos ligam diretamente ao gênero masculino o que causa uma “submissão” do feminino. É necessário o cuidado na forma verbal ou escrita pelos educadores para não acabarem colocando como modelo de sexualidade o gênero heterossexual*

A família, a religião e a cultura são alguns dos exemplos. E por que não dizer a educação? Como bem sabemos “a educação escolar tem funcionando, ao mesmo tempo, como uma das instâncias autorizadas, em nossa cultura, a educar e, portanto, produzir o corpo tal como ele deve ser” (MEYER E SOARES, 2004, pag. 07). Por ser um espaço rotineiramente freqüentado, a escola detém grande parte da responsabilidade na visão de sexualidade a ser constituída pelos alunos. No entanto, a maioria das escolas sente-se isenta dessa responsabilidade e simplesmente anulam qualquer tipo de debate sobre o assunto ou quando o faz, tentam reforçar o que acredita ser normal.

É difícil falar de sexualidade sem falar de gênero, apesar de não se tratar da mesma coisa. Por isso estaremos todo o tempo fazendo um elo entre eles.

“Naturalmente”, meninos e meninas encontram-se separados no espaço escolar. Apesar de muitas vezes não ser de preferência dos próprios alunos, na grande maioria é das escolas. Elas preferem que os alunos dividam-se de acordo com o gênero estabelecido - feminino e masculino

-, praticando atividades que estejam voltadas para cada um deles. Quando acontece o contrário, as escolas agem de forma a normalizar a situação. A sexualidade é dessa forma, profundamente controlada de acordo com o gênero. O feminino deve agir sexualmente como mulher e o masculino como homem. Percebemos a partir de então, que há toda uma construção na formação de identidades de gênero e sexuais, as quais são perpassadas por possibilidades estabelecidas socialmente:

As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2001, p.11).

As escolas tentam rigidamente definir o papel de meninos e meninas a partir da dicotomia masculino/feminino, pensando que dessa forma estarão determinando a escolha sexual que irão fazer. A falta de diálogo sobre as diversas possibilidades sexuais para com os alunos está bastante ligada ao medo que as escolas, e não só elas, sentem que ao estarem fazendo isso poderão está dando espaço para que os alunos sintam-se a vontade para fazerem escolhas diferentes das estabelecidas como certas, possibilitando a eles fugir das regras propostas pela sociedade em geral. Como combatentes do desvio da normalidade, as escolas não se permitem contribuir para essa prática, dessa forma:

Medos, temores e possíveis manipulações, diante da diferença, ficam evidentes. Qualquer resquício ou indicativo de sexualidade, vaidade ou devaneio, principalmente visível, devem ser banidos e desativados imediatamente (ROSA, 2004, p.28).

Tratados como marionetes pela escola, os alunos perdem a liberdade necessária para viverem da forma que consideram melhor para eles. Nessa perspectiva, a escola trata seus alunos como “destituídos de pensamentos, de vida, emoção e reação às praticas e acontecimentos diários” (ROSA, 2004, p.29). Afinal, o que se torna interessante e até obrigatório para a escola e manter a estabilidade social determinada como certa: homem/mulher, macho/fêmea. Como observa Débora Britzman (1996, p.78) a escola é “um dos locais onde a heterossexualidade é normalizada. Quando chega a ser tratado, o conhecimento de sala de aula sobre sexualidade é tipicamente sinônimo de reprodução heterossexual, embora até mesmo esse conhecimento seja banalizado”. E apesar de ser um constructo histórico,

(...) a heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente, supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais peculiares e anormais (LOURO, 2001, p.17).

A heterossexualidade, defendida pela escola (e não só por ela) como possibilidade sexual única causa nos alunos o desprezo, a exclusão e o desrespeito por aqueles que “não se ajustam

aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2001, p.29). Um dos motivos para isso é que desde muito cedo meninos e meninas aprendem a conviver em espaços diferentes dentro da escola. Esses espaços são determinados com a finalidade de garantir a sobrevivência de paradigmas estabelecidos há muito tempo que atuam como mecanismos controladores da construção da sexualidade dos alunos. Eles se separam, formando grupos diferentes para não se tornarem desviantes diante dos colegas. É bastante comum que meninos que vivem muito próximos de meninas, mesmo sem nenhuma intenção sexual, sejam motivo de piadas por parte dos demais, por acreditarem que meninos devem brincar ou conviver unicamente com meninos. Do contrário vira suspeito por agir de forma diferente da esperada por todos. O mesmo acontece se uma menina tiver atitudes que são possivelmente destinadas de uma forma geral aos meninos.

A partir do momento que escola deixa de falar, e dessa forma esclarecer dúvidas sobre a sexualidade, os alunos passam a ter medo de eles próprios falarem por achar que estão fazendo algo proibido, errante. Mais apesar de temerem, os alunos não deixam de falar sobre sexualidade, e pelo fato de não possuírem orientação a respeito do assunto, acabam absorvendo informações deturpadas e preconceituosas difundidas através do que ouvem de outras pessoas ou até mesmo através da mídia. Nessa perspectiva, a revista NOVA ESCOLA (ago.2008, p.38-46) sugere um projeto de orientação sexual bastante interessante a ser desenvolvido da pré-escola ao 9º ano do Ensino Fundamental. Os principais objetivos desse projeto são: envolver pais e professores no trabalho de orientação sexual dos estudantes, desenvolvem nos alunos o respeito pelo corpo (o próprio e o do outro), refletir sobre diferenças de gênero e possibilidades sexuais, dar informações sobre gravidez, métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e conscientizar sobre a importância de uma vida sexual responsável. Ainda nessa revista, o psicólogo Antonio Carlos Egypto, fundador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) diz que “todas as escolas deveriam ter projetos específicos sobre o tema desde as classes de Educação Infantil”.

Infelizmente nem todos têm esse pensamento e isso na maioria das vezes começa pelos próprios pais que acreditam que não é certo falar sobre sexualidade com os filhos quando ainda são crianças, o que é repassado para escola com o objetivo de adiar cada vez mais o diálogo sobre o assunto. Esse tipo de atitude enraíza nas pessoas pensamentos de rejeição pelo que é considerado diferente, que sai das normas, já que têm tão fortemente marcada a idéia de nunca criticar o que visto como certo. Afinal numa sociedade ainda tão conservadora como a nossa embora se diga o contrário, torna-se errado duvidar do que ela estabelece e considera como alternativa única e correta. Percebemos então, que o certo é visto exatamente como aquilo que não sai da linha, que se curva diante do que é estabelecido, que segue ao pé da letra as regras sem nem ao menos contestá-las. Por isso muitas pessoas que não agem da maneira como a sociedade determina, ou melhor, como elas são ensinadas a agir, muitas vezes escondem sua

escolha sexual com medo da reação que poderão causar. Por terem em seus pensamentos tão forte uma idéia normativa de sexualidade, pessoas que não seguem os padrões determinados como regras incontestáveis a ser seguidas, se considerarem - elas próprias – como desviantes de certezas culturalmente difundidas. “Na medida em que seus desejos se dirigem para práticas inapropriadas para seu gênero, ele ou ela é levado/a a aprender uma lição significativa: a lição do silenciamento e da dissimulação” (LOURO, 1998, p.83). Dessa forma é preciso superar a idéia de homossexualidade como desvio. Mas “como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e desprezar?” (LOURO, 1998, p.83). Por isso é tão comum a ocultação de escolhas sexuais determinadas como fora do padrão social.

A escola como instituição responsável por formar cidadãos críticos, capazes de agir naturalmente diante de qualquer situação, não deixa por menos sua contribuição na formação dessas regras normativas a serem propagadas defendidas para além do tempo presente. Não se trata de uma regra geral, visto que sempre há exceções, mais as críticas que a maioria das escolas permite que os alunos façam relacionados à sexualidade e são voltadas para a crítica do que é considerado diferente, anormal e inaceitável. Não é raro que até mesmo professores/as critiquem as atitudes de algum aluno por se diferenciar das dos demais. Agindo dessa forma, esses/as professores/as permitem que os outros alunos continuem criticando o que eles aprendem a considerar como fora da normalidade. Ou seja, os alunos aprendem a criticar, mas de uma forma que anula sua própria crítica, já que são ensinados a fazê-la de acordo com o que lhes é determinado. Não são chamados incentivados a pensarem por si mesmos, mas pelo que aprendem e absorvem como verdade. Assim, “a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo” (LOURO, 2001, p.29). Essas práticas tornam-se mais maleáveis com as formas sexuais tidas como ilegítimas desde que elas estejam dispostas a permanecerem invisíveis, escondidas, presas em si mesmas, pois:

O que efetivamente incomodam é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não-legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo (LOURO, 2001, p.30).

O que percebemos é que a não-heterossexualidade pode até ser respeitada desde que não chegue ao conhecimento de ninguém. É uma forma de respeito que não respeita as diferenças do outro. É uma terrível contradição. A escola age com o objetivo de construir sujeitos heterossexuais. “Podemos notar o quanto a escola está engajada em desenvolver determinados tipos de identidades consideradas como as mais adequadas para meninos e meninas” (FELIPE E GUIZZO, 2004, p.35). Nessa perspectiva, “as identidades devem ser compreendidas como plurais, múltiplas: identidades que se transformam que não são fixas ou permanentes” (FELIPE E

GUIZZO, 2004, p.35), e não como algo natural de cada pessoa ou algo imutável. Elas são construídas ao longo de nossas vidas.

No entanto, não são apenas as diversas possibilidades sexuais que são anuladas dos discursos normalizadores das instituições escolares, mas a sexualidade como um todo. A escola pensa que anulando o diálogo, estará silenciando-o ou ainda que esse seja o tipo de assunto a ser tratado único e exclusivamente pela família. Apesar de todas as tentativas em deixar a sexualidade fora do espaço escolar, é impossível que isso aconteça, pois ela não é uma coisa que deixa de existir pelo fato de ser negada. Nesse sentido, Guacira Louro (1998, p.81) diz que:

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que passa a ser desligado ou algo do qual alguém passa a se "despir".

A sexualidade chega a ser vista por muitos como um bicho-de-sete-cabeças, por isso é tão presente em nossa sociedade certo tipo de receio, de acanhamento quando se trata dela. É como se houvesse uma necessidade em manter a norma, como se os discursos em torno da sexualidade fossem anormais, absurdos de serem aceitos. Constrói-se nesse sentido um pensamento moralista e conservador, ligados ao desejo de perpetuá-lo. A partir da propagação dessas idéias, surge a preocupação com a moral sexual. Torna-se interessante citar aqui o questionamento que Foucault (1984, p.14) faz nessa perspectiva:

...por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a eles relacionados, são objetos de uma preocupação moral? Por que esse cuidado ético que, pelo menos em certos momentos, em certas sociedades ou em certos grupos, parece mais importante do que a atenção moral que se presta a outros campos, não obstante essenciais na vida individual ou coletiva, como as condutas alimentares ou a realização dos deveres cívicos?

Por que essa preocupação com esse tipo de diálogo não se faz pensando se ele está orientando as pessoas para perceberem e respeitarem a sexualidade de cada um independentemente de escolha sexual é não como forma de garantir que elas continuem com as mesmas concepções defendidas como únicas e naturais?

Seria mais interessante para as escolas que elas se engajassem numa perspectiva de conscientização. Conscientizar seus alunos que assim como não existe uma verdade única sobre sexualidade, eles estarão sempre diante de situações que irão considerar totalmente diferentes das quais foram e são ensinados a conviver, mais que precisam respeitá-las por isso. Até por que se eles vêm de forma antinatural o que não se encaixa corretamente na sociedade é por que foram vítimas da imposição de uma cultura que nega os sujeitos pela forma que eles escolhem para viver sexualmente. O discurso sobre sexualidade é repreendido como se fosse algo a ser

escondido, proibido. Assim, ele é considerado como uma forma suja e obscena de diálogo. Por isso é tão comum que pessoas que costumam conversar abertamente sobre sexualidade, sejam chamadas de libertinas e até pervertidas. Costumeiramente, tem-se a idéia de que o sexo esteja ligado à perversão. Até as formas como ele é praticado, onde e por quem é motivo de um rígido controle. A sociedade sente necessidade de controlar as práticas sexuais e através delas, a sexualidade com objetivo de institucionalizar e reforçar cada vez mais os mecanismos que ela dispõe para garantir a sobrevivência da normalidade a ser divulgada e perpetuada como natural. Nesse sentido, a escola não vê necessidade de falar do que ele pretende calar o adiar o máximo possível. Na verdade a necessidade que ele tem está voltada para difusão do que considera padrão único. Afinal se ela começar a abrir espaço para o questionamento acerca da sexualidade estará ameaçando as práticas tradicionais e conservadoras que visam o controle dos corpos e suas respectivas individualidades. Mais quando age de forma conservadora, tornando esse discurso como um ato proibido, causa ainda mais curiosidade, visto que as pessoas sentem muito mais atração pelo que lhes é proibido. Se não é impossível arrancar das pessoas a sexualidade e as questões sobre ela, como será possível através da proibição ou do silêncio fazer com que ela seja banida das conversas dos alunos? Essa prática, através da qual se tem a pretensão de legitimar determinado tipo de sexualidade acabara transformando situações diferentes das estabelecidas como certas num fator a ser eliminado e excluído da sociedade.

Se percebermos tão forte esse conservadorismo no que diz respeito à sexualidade, é impossível não atribuí-lo de alguma forma educação, pelo menos ao papel que ela representa de educar e guiar seus alunos, mostrando-lhes o melhor caminho possível a seguir. Não seria nesse caso, dever da escola, esclarecer para seus alunos as mais diversas questões relacionadas a sexualidade para não criar neles pensamentos ou idéias diferentes das quais eles irão se deparar mais cedo ou mais tarde. A sexualidade e as questões em torno de si passam por tentativas constantes de anulação. Mas por que todo esse esforço em manipular e anular discursos presentes em nossa realidade?

São questões como essa que nos intrigam diariamente.

NOTAS

I- LOURO Guacira Lopes. **CORPO,GÊNERO E SEXUALIDADE : UM DEBATE CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO.** Petrópolis Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

II- LOURO,Guacira Lopes. **O CORPO EDUCADO: PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE.** Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

III- LOURO,Guacira Lopes.**CORPO,GÊNERO E SEXUALIDADE : UM DEBATE CONTEMPORÂNEO NA EDUCAÇÃO.** Petrópolis Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

IV- MEYER, Dagmar Esterman; Soares, Rosângela de Fátima Rodrigues: **CORPO, GÊNERO e Sexualidade.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

V- BRITIZMAN, Deborah. **O QUE É ESTA COISA CHAMADA AMOR: IDENTIDADE HOMOSSEXUAL, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO.** Educação e realidade, Porto Alegre, 1996.

VI-FOUCALT, Michael. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: A VONTADE DE SABER.** Rio de Janeiro, Graal, 1998

VII-ROSA, Graciema de Fátima Da. **O CORPO FEITO CENÁRIO. CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE.** Porto alegre: Editora Mediação, 2004.

